

# **Procissão, marcha e passeata: o ativismo católico LGBT nas ruas da capital paulista<sup>1</sup>**

Jeferson Batista da Silva

Mestrando no PPGAS Unicamp/Campinas-SP

**Palavras-chave:** Católicos; LGBT; Sexualidades.

## **Introdução**

No último final de semana de maio de 2018, as ruas do centro de São Paulo foram ocupadas por eventos religiosos e eventos voltados para a população lésbica, gay, bissexual e transgênero. No dia 31 de maio, enquanto católicos celebravam o feriado de *Corpus Christi* com missa na Praça da Sé e procissão em ruas do entorno, multidão de evangélicos se concentravam a poucos quilômetros, na Estação da Luz, para a 26ª Marcha para Jesus.

Na Luz, o palanque da Marcha para Jesus reuniu atores religiosos conhecidos nacionalmente por protagonizarem controvérsias em torno da sexualidade. Imagens que circularam na mídia e redes sociais na internet registravam que entre os pastores Silas Malafaia e Magno Malta, estava o então pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro, eleito em outubro de 2018.

No mesmo dia, o Vale do Anhangabaú, também na região central paulistana, sediava a 18ª Feira Cultural LGBT. Na sexta, dia 01, foi a vez da 1ª Marcha do Orgulho Trans, no Largo do Arouche, percorrer as ruas. Estes dois últimos eventos foram realizados às vésperas da Parada do Orgulho LGBT, que, no domingo seguinte, reuniu ao menos três milhões de participantes na Avenida Paulista. Procissão, marcha e passeata. Atores religiosos e atores LGBT nas ruas em coexistência, reafirmando identidades e buscando dar visibilidade à suas gramáticas.

A cidade se tornou palco de interações, disputas e coabitações de espaços geográficos e simbólicos, incluindo os religiosos. Neste texto, acompanho a presença pública de atores que buscam agregar em uma só gramática dois grupos que marcam forte

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

presença nos espaços públicos e, não raramente, são vistos como antagonistas em controvérsias: população LGBT e cristãos.

Ao acompanhar tais controvérsias, a mídia, estudiosos e outros segmentos da sociedade tendem a reforçar, em muitos casos, o enquadramento gay *versus* religioso. Novas configurações na cena religiosa brasileira mostram, contudo, um novo enquadramento: a compatibilidade em ser cristão e vivenciar sexualidades e gêneros dissidentes.

O foco deste trabalho é, através da descrição etnográfica, mostrar de que modo esta compatibilidade é performatizada e publicizada em espaços urbanos, gerando questionamentos em torno de um entre lugar ocupado por estes atores organizados e agregados nos grupos pastorais católicos pró diversidade sexual e de gênero.

A partir da etnografia do II Encontro de Católicos LGBT, que ocorreu em São Paulo entre 01 e 03 de junho, busco mostrar que uma das marcas do encontro foi a participação dos católicos LGBT na parada do orgulho LGBT, logo após a participação em uma missa celebrada na igreja São Luís Gonzaga, único templo católico da Avenida Paulista.

Este evento serve como uma porta de entrada para mostrar outras atividades promovidas por ativistas cristãos LGBT na “praça pública”: ações de caridade, evangelização e sociabilidade (comuns entre comunidades religiosas convencionais), além de participação em manifestações, assembleias e passeatas (eventos historicamente ligados a movimentos sociais), tornando os “muros” da religião mais porosos e adentrando espaços públicos, supostamente seculares.

A análise aqui apresentada se inspira no conceito de enquadramento proposto por Judith Butler (2017) ao problematizar pressupostos duais e normativos, como gay *versus* religioso. A filósofa está preocupada em compreender os enquadramentos que “efetivamente, decidem quais vidas serão reconhecíveis como vidas e quais não o serão” (BUTLER, 2017, p. 28).

Em sua discussão sobre minorias religiosas, islamismo e homossexualidade, a autora alerta para os enquadramentos normativos produzidos por diversas instâncias de poder capazes de reduzir o indivíduo à sua sexualidade ou à sua religião, sem considerar que estas categorias operam de formas simultâneas. Sendo assim, “a sexualidade e a

religião funcionam como veículos uma para outras, algumas vezes em antagonismos, outras não”. (BUTLER, 2017, p. 205). As regras dentro islamismo contra a homossexualidade, por exemplo, “não significa definir como as pessoas vivem em relação a essas regras e tabus” (BUTLER, 2017, p. 205) e os tabus religiosos “variam em sua intensidade ou centralidade, dependendo dos contextos e práticas religiosas específicos em questão” (BUTLER, 2017, p. 205).

As reflexões de Butler (2017) dão pistas teóricas para este texto e ajudam a compreender a formação dos grupos católicos LGBT e como a sexualidade e a religião circulam entre si. A doutrina católica que considera “práticas homossexuais” como pecado grave não determina de modo engessado as práticas religiosas de seus adeptos.

Inspirado também na categoria “religião pública” e em pesquisas sobre a presença do religioso no espaço público (MONTERO, 2016; 2015, 2012; GIUMBELLI, 2008; BURITY, 2015) observa-se que os católicos LGBT são sujeitos que disputam e tomam lado no campo civil. Com esta concepção de religião, Montero (2012) se baseia no conceito latouriano e afirma que a controvérsia aparece quando um “conjunto de fatos é reunido em um debate público, quais os processos de tradução que transformam o sentido da linguagem ordinária em um problema social” (MONTERO, 2012, p. 178).

### **Breve trajetória do movimento católico LGBT no Brasil**

Antes da etnografia do II Encontro Nacional de Católicos LGBT, vale a pena contextualizar o movimento católico LGBT no Brasil. Além das igrejas inclusivas, mais conhecidas da literatura socioantropológica, existem outras iniciativas cristãs que agregam religiosos com sexualidades dissidentes. Movimentos ativistas contra hegemônicos que se formam dentro de igrejas convencionais. Na Igreja Católica, foco deste trabalho, o ativismo católico LGBT reúne leigos, freiras e padres que atuam nas esferas religiosa, política e social pautando de forma positivada a diversidade sexual e de gênero.

No Brasil, os católicos LGBT começaram a se organizar em grupos e coletivos a partir da segunda década dos anos 2000, inspirados por iniciativas católicas internacionais, pelas igrejas inclusivas e pelo movimento LGBT (BARAJAS, 2016; SERRA, 2017; LIMA, 2010).

Tais iniciativas florescem dentro da pluralidade do catolicismo, que se organiza e se estrutura para além da Igreja Católica e suas instituições oficiais. Assim, a pluralidade faz com que dentro da mesma cosmologia religiosa coexistem grupos com visões antagônicas (STEIL, 2001).

O movimento católico LGBT brasileiro tem duas fases. A primeira percorre as décadas de 1980 e 1990 e engloba algumas iniciativas localizadas pelo país de padres que começaram a colocar em discussão a presença do homossexual na Igreja e na sociedade. Neste momento, surgem diversas publicações católicas que buscam produzir uma teologia inclusiva no catolicismo, propondo releituras bíblicas em que a homossexualidade não era vista como pecado ou doença.

Na esfera social, surgem alguns trabalhos pastorais com pessoas LGBT. Em Campinas (SP), o padre José Trasferetti se torna conhecido nacionalmente por propor a criação de uma “pastoral para homossexuais”. O sacerdote chegou a atender homossexuais, transexuais e travesti, oferecendo-lhes serviços religiosos, além de serviços sociais. O padre se tornou um ativista LGBT, recebeu prêmio de organizações homossexuais e enfrentou oposição dentro da Igreja e de setores contrários aos direitos LGBT.

Seguindo seus passos, o padre jesuíta Luís Corrêa Lima iniciou discussões sobre o tema quando ingressou como docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde criou em 2006 o Grupo de Pesquisa Diversidade Sexual, Cidadania e Religião, ligado ao Departamento de Serviço Social da universidade (LIMA, 2010).

Em 2006, contudo, é fundado o primeiro grupo leigo LGBT na Igreja Católica, o Diversidade Católica (DC/RJ). A partir deste momento, as ações sociais e pastorais voltadas para as populações LGBT começam a ser produzidas, gerenciadas e protagonizadas por católicas e católicos sem vínculos eclesiais com a hierarquia da Igreja, ou seja, as próprias minorias sexuais ganham centralidade.

A partir do DC/RJ, surgiram outras iniciativas análogas pelo Brasil. Grupos focados em acolhimento, partilha, oração e estudos teológicos sobre sexualidade. Pelo país, outros grupos apresentam perfil semelhante. O coletivo católico LGBT de São Paulo, que hoje recebe o nome de Grupo de Ação Pastoral da Diversidade (GAPD), foi fundado em 2010. Sua trajetória, bem como de seus integrantes, é marcada por um trânsito

em diferentes campos, desde a militância LGBT até pastorais e movimentos da Igreja. o GAPD foi o anfitrião do evento nacional.

Acompanhando as trajetórias desses grupos, é possível identificar influências nacionais e internacionais: teologia da libertação e sua perspectiva feminista, teologia LGBT e as igrejas inclusivas, grupos pioneiros nos EUA e Europa com propostas semelhantes e ainda a militância LGBT<sup>2</sup>. Recente levantamento feito para esta pesquisa mapeou 17 núcleos católicos LGBT no território nacional, sobretudo, em capitais e centros urbanos, como Fortaleza, Campinas, Mossoró, Brasília e Curitiba.

Existem ainda as Pastorais da Diversidade Sexual (PDS), organismos que têm ligações institucionais com a hierarquia católica em algumas dioceses e funcionam da mesma forma que qualquer outra pastoral da Igreja. As PDSs estão localizadas em Belo Horizonte (MG) e Nova Iguaçu (RJ)<sup>3</sup>. Esses coletivos e as PDSs estão ocupando espaços na cena pública. Além das reuniões e missas ordinárias, os ativistas agregados a estas iniciativas, atuam em diversas frentes em suas localidades. Igrejas, universidades, eventos públicos, manifestações e a mídia são algumas instituições que eles buscam dar visibilidade a uma nova forma de ser católico.

A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT (RNGCLGBT), organização criada em 2014, engloba todos os coletivos e pastorais do Brasil e, após o encontro de julho, vem propondo uma pauta conjunta com os grupos na busca de ganhar visibilidade e tornar-se uma representante legítima do movimento católico LGBT brasileiro. A Rede, como é chamada pelos membros, tem objetivos religiosos e políticos, entre eles se fazer presente no espaço público reafirmando a compatibilidade em professar a fé católica e viver sexualidades ditas não normativas.

A criação da rede supracitada foi considerada pelos ativistas um dos frutos do I Encontro Nacional de Grupos Católicos LGBT, em 2014, no Rio de Janeiro. O objetivo central da organização era reunir os grupos já existentes e abrir espaços para os que iriam nascer. Desde sua criação, a Rede teve pouca expressividade no campo católico e em

---

<sup>2</sup> Facchini (2005) aponta que na terceira onda do movimento LGBT, a partir da década de 1990, surgem diferentes atores no movimento. Entre esses novos atores, estão os religiosos LGBT, preocupados com a discriminação religiosa por parte das igrejas hegemônicas.

<sup>3</sup> A primeira pastoral voltada para atender homossexuais surgiu nos EUA, ainda na década de 1980. No Brasil, a primeira iniciativa institucional da Igreja Católica voltada para pessoas LGBT surgiu em 2016, em Belo Horizonte (BH). Apesar de estar vinculada à Igreja, a PDS apresenta uma visão contra hegemônica sobre a diversidade sexual e de gênero, propondo diálogo e se afastando de perspectivas de cura da homossexualidade.

outros setores da sociedade. Contudo, seus idealizadores sempre tiveram o desejo de estruturar e dar uma cara pública para a RNGCLGBT.

## **II Encontro Nacional de Grupos Católicos LGBT**

O desejo em tornar a Rede uma organização com expressividade começa a ganhar força no final de semana marcado por diversos eventos em São Paulo, como dito acima, quando a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT realizou seu segundo encontro nacional. O evento teve dois dias intensos de atividade (sexta-feira e sábado). Realizado em uma casa onde funciona uma obra social franciscana e local das reuniões ordinárias do GAPD, o evento reuniu lideranças católicas LGBT de pelos menos sete estados brasileiros.

Do início do evento até às primeiras horas da tarde do sábado, o encontro foi uma espécie de organização e estruturação da RNGCLGBT. Todos os participantes, devidamente inscritos, estiveram envolvidos na produção da identidade da organização e votaram para eleger a primeira coordenação nacional com representante de todas as regiões do Brasil, com exceção da região Norte, onde ainda não existe núcleo católico LGBT.

Na tarde de sábado, os participantes do encontro e membros da recém-estruturada RNGCLGBT, começam a dar as caras de forma mais ampla e pública. O almoço ainda estava sendo servido no refeitório da casa franciscana quando começaram a chegar as convidadas e os convidados para a atividade que seria realizada naquela tarde: “uma mesa redonda ecumênica inter-religiosa”, evidenciando que a aposta no diálogo inter-religioso é uma das principais estratégias pastorais/sociais do movimento.

Esta mesa foi a única atividade do encontro divulgada para a imprensa e para o público em geral. Jornalistas receberam um *release* enviado por e-mail, poucos dias antes do evento. Organizações parceiras foram convidadas por meio de uma carta, também despachada por e-mail e um evento público foi criado na rede social *Facebook*.

Alguns sites de notícias replicaram o *release*, enquanto outros, depois do evento, entraram em contato para fazer entrevistas. Uma jornalista da *Folha de S.Paulo* esteve presente durante a mesa, entrevistando lideranças do ativismo religioso LGBT.

A atividade foi ainda transmitida ao vivo via página oficial da RNGCLGBT no *Facebook*. Participantes do encontro enviaram amplamente o *link* da transmissão para contatos em aplicativos de conversa e compartilharam em suas páginas pessoais. Um esforço de publicizar as falas do debate.

Cristiana Serra, recém eleita coordenadora nacional da Rede, foi a responsável em mediar o evento que era composto por: Amábile Franco, teóloga, lésbica e anglicana; Ronilda Iyakemi, representante da ialorixá (religião tradicional iorubá); Cristiano Valério, gay e reverendo da Igreja das Comunidades Metropolitanas de São Paulo; Camila Mantovani, evangélica, lésbica e membro da Igreja Batista do Caminho e Lilyth Ester Grove, antropóloga, judia e travesti.

Com essa composição diversa, é notável a preocupação dos católicos LGBT em criar redes através da Rede. Na rede inter-religiosa e ecumênica, os católicos buscam agregar outras iniciativas análogas, porém em outras tradições religiosas. A mesa teve forte caráter emotivo e político. Os integrantes se dedicaram em contar suas trajetórias, testemunhos e apontar os desafios para os religiosos LGBT enfrentar o que foi caracterizado como conservadorismo. No final das falas, diversos participantes fizeram perguntas e também deram seus testemunhos. Histórias diferentes, mas marcadas pela descoberta de sexualidades não normativas e o papel do elemento religioso neste processo.

### **Domingo é dia do Senhor e da Parada LGBT**

Entre plenária, missa e reunião, os integrantes do encontro nacional circularam por São Paulo. Os diversos eventos voltados para a população LGBT naquele final de semana animaram parte dos participantes do evento. Fotos enviadas por um grupo criado no *WhatsApp* mostravam os ativistas em eventos culturais, no Museu da Diversidade Sexual, na Feira Cultural LGBT de São Paulo. *Shoppings centers*, livrarias, Avenida Paulista e outros pontos conhecidos da cidade foram outros lugares onde circularam, muitas vezes com a camiseta oficial do encontro.

Contudo, foi no domingo que o grupo organizado participou de dois eventos distintos, mas complementares que ajudam a compreender o enquadramento proposto por este ativismo religioso: a não contradição em ser LGBT e católico. O primeiro evento foi uma missa, realizada na igreja de São Luís Gonzaga, na Avenida Paulista. O segundo,

logo após o ato religioso, foi a participação do grupo na 22ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

Durante o encontro, fiquei hospedado na casa de Lula Ramires. Integrante e coordenador do GAPD, é militante histórico do movimento LGBT. Na manhã de domingo, fomos de carro para a Av. Paulista. O trânsito já estava se complicando. As ruas já estavam fechadas para receber a parada.

Lula esteve na organização da primeira edição da Parada LGBT de São Paulo. E, durante o trajeto até a igreja, ela contou como foi organizar um evento desse tipo no Brasil na década de 1990. A dificuldade em conseguir apoio da prefeitura na organização do trânsito, o medo e ansiedade de “não aparecer ninguém”.

Comparando com a edição que estava diante dos meus olhos, pude perceber o crescimento e a transformação do evento. Se Lula relatava as dificuldades em obter apoio na organização do trânsito, horas antes da abertura do evento, as ruas estavam bloqueadas e dezenas de policiais rondavam a Paulista. Se a organização temia não aparecer ninguém na primeira vez, antes mesmo da abertura oficial, em 2018, milhares de pessoas já circulavam em todas as faixas da avenida à espera dos trios elétricos.

Entramos na igreja. Alguns rostos conhecidos – participantes do encontro nacional – já esperam o início da missa, quase todos com a camisa do evento. A missa não era exclusiva para o grupo. Os paroquianos também participaram. Registrei olhares curiosos. Pessoas lendo e relendo dizeres estampados na camiseta do encontro. Teve início a missa com o seguinte comentário inicial, feito por um padre:

Informo que hoje nossa igreja ficará fechada durante a tarde devido a Parada do Orgulho LGBT. Hoje também recebemos aqui em nossa paróquia um grupo de pessoas católicas praticantes que se identificam como LGBTs. Eles estiveram reunidos aqui em São Paulo neste final de semana em um encontro nacional, com pessoas de todo o país. (Comentário Inicial de missa celebrada na igreja São Luís Gonzaga, em 03/05/18, anotação feita em caderno de campo).

Era preciso afirmar: “católicos praticantes”, que têm uma vivência de igreja, participam de movimentos e pastorais, ligados a paróquias e comunidades ao mesmo tempo que são LGBT, ou nas palavras do comentarista, “se identificam como LGBTs”. A missa seguiu com bastante referências a população LGBT, sobretudo “a prática não cristã” materializada na violência. O padre celebrante lembrou em pelo menos três



momentos os posicionamentos de Papa Francisco sobre a temática, afirmando que o pontífice “abriu as portas da Igreja para o diálogo”.

Com o fim da missa, o grupo seguiu para um lanche no subsolo da igreja e de lá saímos para a Av. Paulista. Muito mais cheia do que algumas horas antes, o clima da parada já tinha tomado a principal avenida de São Paulo. Os portões da igreja se fecharam. Alguns participantes do encontro não foram para a parada. O grupo caminhou alguns quarteirões e parou. Éramos menos de 30 pessoas neste momento. Os olhares curiosos dos católicos na igreja também se fizeram presentes nos participantes do evento LGBT. Pessoas paravam diante do grupo para ler uma faixa que estampava os dizeres “Diversidade Católica”. Alguns pediam para fotografar os ativistas ou a faixa. Outros perguntavam o que era exatamente “Diversidade Católica”, enquanto outros davam parabéns pela iniciativa.

Durante toda a passagem dos trios elétricos, o grupo ficou no mesmo lugar. Depois de dois dias juntos no encontro nacional, muitos dividindo a mesma hospedagem solidária, a interação era grande entre as pessoas. Vale ressaltar ainda que uma parte já se conhecia do primeiro encontro, no Rio de Janeiro em 2014. Alguns participavam pela primeira vez de uma parada do orgulho LGBT, outras pela primeira vez na parada de São Paulo.

### **Crentes na Parada LGBT**

A presença de atores religiosos na parada do orgulho LGBT de São Paulo já foi discutida por outros pesquisadores, sobretudo, a presença das chamadas igrejas inclusivas. Em texto etnográfico sobre a participação da Igreja da Comunidade Metropolitana na parada LGBT de São Paulo, Silva (2016) afirma que o grupo religioso no evento funcionava como uma “contraprova pública e sociológica em favor do argumento da possibilidade de conciliação entre religião e homossexualidades” (SILVA, 2010, p. 10).

A ICM, que mostrou ser uma parceira da Rede Nacional de Católicos LGBT, participa do evento na Paulista há mais de 10 anos e é a primeira igreja a ter um estande na Feira Cultural LGBT de São Paulo (NATIVIDADE, 2010; SILVA, 2016; JESUS, 2010; PEREIRA, 2016). Para Silva (2016), a presença da ICM nestes eventos, revela muito mais do que a busca por visibilidade por parte da igreja. A denominação religiosa

transformou a parada em “um campo de testes de suas teses orientadas a experimentar em público o que eles internamente chamam de ‘radical inclusão’” (SILVA, 2010, p. 10).

Os católicos LGBT parecem seguir esse exemplo da ICM, mas diferente da igreja inclusiva, que goza de autonomia eclesiástica, os católicos buscam publicizar na parada a compatibilidade em pertencer a uma denominação religiosa em que “práticas homossexuais”<sup>4</sup> são graves pecados e publicizar práticas pastorais que indexam códigos do campo da diversidade sexual e de gênero a cosmologia católica. Parafraseando Silva, é uma contraprova pública e sociológica da possibilidade em afirmar a identidade católica e a identidade LGBT.

A presença dos católicos em eventos deste tipo é desafiadora também ao passo que muitas autoridades católicas, ao lado de lideranças evangélicas, entraram em controvérsias públicas envolvendo manifestações públicas das populações LGBT.

Em 2015, na 19ª edição da parada, a “crucificação” de uma mulher transexual que representava Jesus Cristo não agradou diversos segmentos religiosos, inclusive católicos, que foram à tribuna jornalística se opor a representação realizada pela atriz Viviany Beleboni.

Bispos católicos contra a representação de Jesus crucificada por uma mulher transexual recorreram a argumentos religiosos, como profanação e argumentos civis e laicos, como direito a crença, para defender seus posicionamentos na controvérsia. O grupo católico, que se uniu a pastores/congressistas evangélicos, tinha como objetivo censurar ou reprimir qualquer representação de Jesus Cristo se não a emitida ou chancelada pelas instituições cristãs tidas como legítimas.

Essa controvérsia ajuda explicar o motivo de que participantes da Parada LGBT consideram lideranças religiosas como intolerantes, como mostrou trabalho etnográfico de Pereira (2016) realizado na edição de 2016, um ano após o episódio da Jesus trans crucificada. Assim, os católicos LGBT ocupam um entre lugar. Como membros de uma igreja hierarquizada, buscam respeitar e dialogar com o alto clero e tentam encontrar brechas para pautar a questão da diversidade sexual no catolicismo. Ao mesmo tempo precisam adotar estratégias em busca de legitimação nos espaços de militância e

---

<sup>4</sup>. A vivência da castidade é a única saída para resistir aos desejos homossexuais, como orienta o Catecismo da Igreja Católica, compêndio doutrinário do catolicismo romano, que dedica três parágrafos para tratar da homossexualidade, entendida com um pecado contra a castidade.

sociabilização LGBT, mostrando que é possível ser católico sem apoiar a LGBTfobia religiosa.

Voltando a parada de 2018, os trios já tinham passado e a noite estava chegando. Todos cansados e com fome. Parte do grupo foi embora, muitos voltaram ainda naquela noite para suas cidades de origem. Outra parte dirigiu-se para uma lanchonete em ruas próximas da Av. Paulista. Já era quase 21h quando algumas pessoas voltaram à igreja para buscar as mochilas e malas que haviam sido guardadas em uma sala. A igreja estava aberta para missa da noite, mas o portão principal estava apenas entreaberto. Uma estratégia, talvez, de evitar que pessoas que não iriam participar da missa entrassem no templo e causasse algum tumulto, já que a calçada estava tomada por participantes da parada, sendo que alguns mostravam sinais de embriaguez.

Eu e mais alguns outros passamos pela fresta do portão em busca de nossos pertences. Muitas pessoas já esperavam nos bancos o início da celebração religiosa. Uma cosmologia bem diferente da Av. Paulista. Com purpurina no rosto, percorremos os corredores da igreja e saímos rumo ao metrô no dia em uma missa e uma grande manifestação foram palcos da celebração pública da identidade católica e LGBT.

Apesar do texto focar na presença de católicos LGBT na parada de São Paulo, estes ativistas participam de uma gama maior de eventos nas ruas da cidade. Vale destacar a adesão por parte do GAPD ao movimento “Ele não” que reuniu milhares de pessoas pelo país em protestos contra o então candidato Jair Bolsonaro. Ativistas do coletivo católico participaram da manifestação no Largo do Batata, uma das maiores na ocasião. Junto dos católicos LGBT paulistanos, estava a atriz e dramaturga inglesa Jo Clifford, autora da peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*. Antes da manifestação, O GAPD, em parceria com a Igreja da Comunidade Metropolitana e a Igreja Episcopal Anglicana de São Paulo, realizou uma roda de conversa com a autora da peça que foi censurada em diferentes momentos no Brasil, gerando diversas controvérsias. O movimento católico LGBT provoca um movimento duplo: a saída do religioso do templo para rua e a entrada da militância da rua no templo.

## **Referências bibliográficas**

BARAJAS, Karina Barcenas. Iglesias para la diversidad sexual y de género en México y Brasil: sus programas de modernidade y el proceso de transnacionalización religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 29, n. 17, p. 238-288, jun. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/viewFile/57866/38786>>. Acesso em: 24 set. 2016.

BURITY, Joanildo. A cena da religião pública. **Novos Estudos**, p. 89-105, 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** São Paulo: Civilização Brasileira, 2017.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

GIUMBELLI, Emerson. A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 28(2), p. 80-101, 2008.

LIMA, Luis Corrêa. Homossexualidade e Igreja Católica: conflito e direitos em longa duração. **Em Debate: Revista do Depto. de Serviço Social da PUC-Rio**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 00, jan. 2006, p. 1-13. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Homossexualidade e Contra-hegemonia no Catolicismo. In: COSTA, Horácio. **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. p. 423-430.

MONTERO, Paula. “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião & Sociedade**. vol. 36, n.1, p.128 - 150, 2016.

\_\_\_\_\_. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião & Sociedade**. vol. 36, n.1, p.128 - 150, 2016.

\_\_\_\_\_. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião & sociedade**. vol.32, n.1, pp. 167-183, 2012.

\_\_\_\_\_. (org). **Religiões e Controvérsias Públicas: experiências, práticas sociais e discursos**. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, v.30, n.2, p.90-121,2010.,

PEREIRA, Carolina Bonfim. A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo: algumas impressões etnográficas. **Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, v. 18. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/pontourbe/3123>>Acesso em: 02 ago. 2018.

SILVA, Aramis L. Uma igreja em marcha: Relato etnográfico da participação da ICM na 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. **Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, v. 19. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/pontourbe/3314?lang=pt>> Acesso em: 02 ago. 2018.

STEIL, Carlos A. Pluralismo, Modernidade e Tradição, Transformações do Campo Religioso. **Ciencias Sociales e Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 3, p.115-119, 2001.

STEIL, Carlos A; TONIOL, Rodrigo. A trajetória dos Direitos Humanos na Igreja Católica no Brasil: do discurso político ao discurso moral. In: MORI, Geraldo de; OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 75-88.

TRASFERETTI, José. **Pastoral com homossexuais**: retratos de uma experiência. Petrópolis: Vozes, 1998.